

A casa verde

evidenciavam o fato de que as narrativas têm como cenário a Alemanha do início do século XX, no período anterior à Primeira Guerra Mundial. Os nomes próprios só foram traduzidos quando portavam carga simbólica, como é o caso da *Tia Felpuda*, em que o nome revelava características físicas do personagem. Outra estratégia tradutória foi a busca do equilíbrio entre um registro culto e formal de linguagem e uma adequação de vocabulário e estilo para a faixa etária de seu receptor da primeira década século XXI.

Em seu país de origem, os poemas para crianças escritos por Paula Dehmel e Richard Dehmel continuam a ser publicados e são encontráveis em livrarias. A maior parte da prosa da autora, porém, só pode ser localizada em sua forma digital ou em sebos. Embora conscientes de que a obra apresente aspectos datados e reveladores de uma Alemanha muito diversa da sociedade multicultural que é hoje, os tradutores dos contos aqui apresentados esperam que o leitor brasileiro seja envolvido pela mesma atmosfera de lirismo e encantamento que sentiram ao realizar a tradução.

Sim, eu moro em uma casa verde e todos os contos de fadas e histórias que estão neste livro foram escritos dentro dela. Ela não é pintada como uma cerca ou uma floreira, assim ficaria feia. As pessoas não misturam as tintas tão bem quanto nosso querido Deus. Minha casa é de um verde diferente e apenas no verão. Nessa época, as roseiras e avelãs crescem de forma tão densa nos muros que não se pode mais olhar pelas janelas, apesar de elas se encontrarem num nível baixo. E quando vem o vento, ele sopra as folhas secas e as pétalas das flores sobre minha escrivaninha. Algumas pequenas lagartas e pequenos besouros já rastejaram sobre minhas histórias.

É nessa casa verde que moro com meus três filhos: Detta, Peter e a pequena Liselotte, que ainda não vai para a escola e é tão travessa que necessita de toda minha atenção e carinho. Imaginem só, tempos atrás ela queria de qualquer forma arrancar as flores do meu novo chapéu e, como eu não deixei, ela começou a gritar tanto que eu tive de colocá-la de roupa e tudo na banheira e ligar a ducha fria. Levou um susto e ficou quieta.

A Detta e o Peter já são mais ajuizados; se eles não brigassem tanto eu estaria totalmente satisfeita com eles, mas essa mania eles não conseguem perder.

Nosso pai saiu mundo afora tentar a sorte, e nós ficamos sozinhos na casa verde. Não, não, além de nós tem o Dido, o lingüicinha, que late para todas as pessoas que passam perto da cerca, e a velha Guste que descasca as batatas e arruma os quartos, coisa que eu não gosto de fazer. No entanto, eu sou uma verdadeira mãe, como as mães de vocês e também posso cozinhar para o almoço e costurar, como é o correto.

À tarde, quando as crianças terminaram as lições, vamos passear no bosque, que fica bem próximo da nossa casa verde, ou então vamos para o laguinho dos juncos. Lá eles podem brincar e subir na canoa que está amarrada na beira,

fazendo de conta que estão remando ou podem dar comida para os patos que nadam no lago. Quando o sol se põe, os troncos brilhantes dos pinheiros, dourados e avermelhados e as nuvens cor de rosa pairando no céu nos deixam muito felizes.

Se o tempo não estiver bom, ficamos em casa tocando músicas. Detta já consegue tocar pequenos trechos no violino, e eu a acompanho no piano. Um belo som. Ou então cantamos bonitas canções populares, alegres ou tristes. Nesses momentos, a velha Guste, com a lâ e as agulhas de tricô, senta perto para ouvir. Dido nem se mexe, pois também gosta de música.

Nas noites quentes, quando as crianças mais velhas brincam de esconde-esconde na rua, eu me sento na varanda, pego a pequena Liselotte no colo e conto alguma história a ela.

Ela prefere escutar a história do Amigo Husch, um fantasma que caminha para lá e para cá com sua lanterna de vaga-lumes, cuidando se todos os seus filhotes de caracóis e joaninhas já adormeceram, bem comportados.

Quando a lua brilha no jardim, eu canto para as crianças a música da princesa Mirlamein, que fica sentada na lua, tecendo e jogando os longos fios brilhantes sobre a Terra, para que as pessoas tenham sonhos claros e bonitos.

Por último, quando as crianças estão dormindo e tudo está quietinho, vou ao jardim, onde está minha querida nogueira com suas brilhosas e perfumadas folhas.

Ao seu redor há um banco onde me sento, encosto a cabeça no tronco e fecho os olhos. Que maravilha! Silenciosamente ressoam as folhas e escuto sons e palavras que se tornam histórias completas que minha árvore sussurra para mim. Durante horas eu poderia ficar assim, escutando e guardando o que ela conta. Às vezes, um grilo ou um pássaro noturno joga algumas palavras no meio, ou um sapinho adiciona algo de sua sabedoria.

Mas o melhor é o que diz minha nogueira e eu guardo tudo na minha mente. Assim fico sentada, em algumas noites do verão, embaixo de sua ramagem e quando escutei o suficiente de suas histórias, volto para a casa verde e me sento na escrivaninha. Ali está a grande cadeira entalhada e forrada em couro, minha pena e um pacotinho de folhas brancas; então posso anotar o que minha nogueirazinha me contou, e vocês também devem ouvir alguma dessas coisas.

Tradução de Cristiano Kunst

A aranha dourada

O pequeno Karl era muito calado e sempre sentia saudade. Não sabia dizer que tipo de saudade era, mas doía bastante.

Olhava para o retrato de sua mãe que estava na parede perto da escrivaninha do escritório de papai. Ela trajava um vestido branco, portava ramos verdes e um véu na cabeça. Era muito bonita. Karl sabia que o vestido era um vestido de noiva e que os ramos verdes eram parte de uma grinalda. Fazia tempo que ela havia falecido, quase o mesmo número de anos que a idade Karl.

Às vezes ficava parado junto à janela da cozinha, olhando para a cerca e para rua. Lá as crianças brincavam de "*Um Camponês Foi Buscar Lenha*" e outras brincadeiras. Karl gostava de vê-los brincar, mas não queria participar das brincadeiras. As crianças eram muito briganas e barulhentas e implicavam com ele, porque era tão calado. Não, bom mesmo era brincar com *Mohr*, ele era bonzinho e ficava muito feliz quando o soltavam da corrente e corriam com ele no imenso gramado.

Mas ele gostava mesmo era de ficar em casa com a velha Nana e ouvir suas histórias: o conto do Homenzinho de Fogo; o da Rata Cinzinha; a história da bela filha do moleiro que havia caído no fosso e foi obrigada a casar com o feio antílope de barbas verdes. Mas a história mais bonita de todas era a da aranha dourada que tecia seus fios desde o céu até a terra. A Nana contou que a aranha dourada só podia comer vespas douradas e que, na primavera, ela morava no velho carvalho do parque. Quem trouxesse uma vespa dourada para ela, poderia ver o céu; contou a boa Nana. E o pequeno Karl ficava imaginando jeitos de levar uma vespa dourada para a aranha dourada, mas não conseguia encontrar solução.

Certa vez, estava sentado abaixo dos lilases, com as mãos embaixo da cabeça e olhando para o balão que flutuava lá no alto do céu azul. Visto do chão,